

O riso como enunciado: um estudo discursivo do ato de rir

Doutoranda Waldênia Klésia Maciel Vargas Sousa (UFG)
Profª Drª Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (UFG)

Resumo: Neste trabalho, examinamos o riso à luz dos estudos da Análise do Discurso de vertente francesa, com recorrência a Bakhtin, mobilizando em especial, as noções de enunciado e gênero. Para tanto, tomamos o enunciado como materialidade discursiva, possibilitando efeitos de sentido em uma situação enunciativa, envolvendo sujeitos em interação em um dado momento sócio-histórico. O riso é um enunciado, suscita interpretações, tem efeito de sentido em situações de interação, apresenta materialidade e tem diversas funções. Mediante a essas características e a outras que apresentamos ao longo do trabalho, é possível analisar enunciados tipificados, os chamados gêneros. Há, portanto, gêneros de riso: enunciados que desempenham funções, sendo tipos relativamente estáveis de riso, em que uma situação social mobiliza determinados tipos de riso. Também recorremos a Possenti para estabelecer diferença entre riso e humor, bem como aos estudos de Propp, que pesquisou alguns tipos de riso relacionados à comicidade. Esses estudos nos auxiliam no empreendimento das análises. Selecionamos para análise uma entrevista feita com Dilma Rousseff veiculada pelo Jornal Nacional e também o programa eleitoral da atual presidente da República e também candidata à reeleição que foi transmitido na televisão no dia vinte e três de agosto de dois mil e quatorze. Nos dados procuramos analisamos os diversos risos que emergiram, relacionando-os ao arcabouço teórico que mobilizamos, para estabelecer os efeitos de sentido e suas funções na cena enunciativa, caracterizando, desse modo, os gêneros de riso. Todo o trabalho visa a contribuir com o desenvolvimento de habilidades de leitura e compreensão textuais relacionadas a diversos contextos.

Palavras-chave: riso; gênero; discurso; enunciado.

1 Introdução

Em cada época, o riso tem uma função, uma representação e, atualmente, estamos tão habituados a sermos simpáticos, a demonstrar cordialidade e a sermos felizes que não paramos para refletir sobre as possibilidades de efeito de sentido que um sorriso pode ter em nosso cotidiano, o quanto ele delinea a maneira de nos comportarmos em sociedade. Nossa asserção é de que o riso é um enunciado e, como tal, temos gêneros de riso, isto é, em cada situação, em cada época, em cada sociedade o riso tem funções e efeitos diferentes, relacionado a outros enunciados e aos sujeitos que interagem.

Para tanto, delineamos o que entendemos por riso, diferenciando-o do humor. Em seguida, voltamos a atenção para a noção de enunciado e, em seguida, para o gênero, recorrendo a Bakhtin, por abranger o aspecto social e interacional da linguagem. Entendemos que é por meio de enunciados que os sujeitos interagem. Por fim, relacionamos as noções de enunciado e gênero apresentadas para pensar nos efeitos do riso em algumas situações, analisando seu estatuto de enunciado, entendendo-o como uma estrutura relativamente estável presente nas situações sociais, percebendo o riso

como linguagem exercendo funções. Dessa maneira, observamos a possibilidade de entender que há gêneros de riso.

2 O riso e o humor

É importante destacar que nosso trabalho não estuda as relações de humor, mas o riso como um enunciado. Tomamos o riso e o sorriso como noções intercambiáveis e consideramos o sorriso como uma forma de rir. Outrossim, o nosso objetivo não é estudar textos humorísticos, nos interessa observar o riso como manifestação discursiva em situação de interação. Possenti (1998) não trata do riso, mas estuda dos aspectos linguísticos empregados em textos humorísticos cuja finalidade é o riso, portanto, o humor é um dos recursos que resultam em riso.

Possenti (1998, p. 13) afirma que são inúmeros os estudos sobre o humor e sobre “aquilo que faz as pessoas rirem”, ou seja, o humor é uma das maneiras de levar o sujeito a rir. Em nosso trabalho, demonstramos que o riso é de ordem discursiva e, portanto, não é somente produto do humor, mas também estratégia discursiva que forma o sujeito que é receptivo a várias técnicas que fazem rir, incluindo o humor. Podemos citar como exemplo a risoterapia, técnica pela qual o sujeito ri não por achar algo engraçado, mas para fazer do riso um exercício, ou seja, o sujeito é disciplinado a rir e traz esse riso para suas relações pessoais e profissionais.

O sujeito, ao longo da vida, ri de quase tudo, mas em cada situação em que o riso está presente, ele pode ser interpretado de uma maneira diferente, isto é, apresenta efeitos de sentido e funções em cada situação enunciativa. Acrescentamos a ideia de que nem todo riso é resultado de humor. O riso se relaciona com diversas funções e representações, circulando nas mais diversas esferas de interação humana e modificando seus efeitos de sentido a cada momento histórico.

3 Bakhtin e os gêneros do discurso

Em relação ao estudo dos gêneros, destaca-se a obra bakhtiniana. Inicialmente, destacamos o livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006), pois nele o autor toma como parâmetro a obra de Saussure, não para criticá-la diretamente, mas para demonstrar as lacunas deixadas pelo que Bakhtin denomina de objetivismo abstrato, propondo a noção de signo ideológico em contraposição a signo linguístico, noção concebida por Saussure (1996) como uma união arbitrária entre o

significado e o significante. Para Bakhtin/Volochionov (2006), o signo tem uma significação mutável, à qual ele chama de tema e está estritamente ligada às condições sócio-históricas imediatas ao ato de linguagem, assim, a língua é determinada pela ideologia do cotidiano e pela história.

De acordo com Bakhtin/Volochiov (2006, p. 32), “os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra” e continua: “realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e portanto também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de época e de um grupo social determinados” (BAKHTIN/VOLOCHIOV, 2006, p. 43). Percebemos, nesse trecho, que o autor delinea uma dimensão histórica para a língua e coloca o sujeito como um dos fundamentos da significação da língua.

A comunicação humana é estabelecida por meio de enunciados realizados por sujeitos sob determinadas condições enunciativas. Por isso, o discurso “só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 274).

A margem de um enunciado é povoada por outros enunciados, isso quer dizer que um enunciado depende de outros para existir, para ter sentido. De acordo com Bakhtin (2003, p. 297),

[o]s enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta.

Relacionando os apontamentos de Bakhtin ao nosso objeto de análise, entendemos que o riso é linguagem, está pleno de efeitos de sentido que se estabelecem na interação entre os sujeitos e cada riso está relacionado a outros, respondendo ou refutando enunciados. Portanto, o ato de rir, assim como outros enunciados linguísticos, tem suas margens povoadas por outros risos, outros ditos, outras materialidades.

Bakhtin (2003) considera o enunciado como a unidade da língua a partir da qual os gêneros se constituem em cada situação social, exercendo uma função e é na obra *Estética da criação verbal* (2003) desenvolve a noção acerca dos gêneros, que foi

delineada na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006). Nas palavras de Bakhtin/Volochinov (2006, p. 42) temos:

Mais tarde, em conexão como o problema da enunciação e do diálogo, abordaremos também o problema dos gêneros linguísticos. A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas.

Bakhtin/Volochinov prioriza a situação social e os sujeitos envolvidos no processo de interação por meio de enunciados, sendo nessas relações que os gêneros se constituem. É também na interação que o tema da enunciação é construído. Os gêneros são formas reconhecíveis de enunciados que circulam nas diferentes esferas sociais e às quais os sujeitos do discurso recorrem para interagirem. De acordo com Brait (2000, p. 19), “qualquer enunciado fatalmente fará parte de um gênero”, que no decorrer da história se tornam “tipos relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003, p. 283).

As situações sociais, atualmente, exigem o riso, mas não qualquer riso, um que seja adequado à uma dada situação, pois será anormal se alguém em uma reunião formal de negócios rir alto demais ou gargalhar, o que pode ser considerado deselegante ou inapropriado, mas também é anormal o riso contido ou a falta dele em uma apresentação humorística, porque os sujeitos nessa situação estão propensos ao riso.

O enunciado exerce função em cada situação de interação, desse modo,

[cada] esfera da comunicação conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado relativamente estável (BAKHTIN, 2003, p. 283-284).

Pode parecer que os estudos de Bakhtin referem-se apenas à língua formal, isto é, a textos orais ou escritos, formalizados em palavras, frases ou orações. No entanto, se o enunciado tem materialidade, essa não precisa ser da ordem da língua, mas da linguagem, que inclui gestos, cores, símbolos etc. Assim, reforçamos a ideia de que o enunciado não se limita a uma frase ou a um texto, a questão é mais complexa e abarca outros aspectos enunciativos. Bakhtin delinea o aspecto não verbal do signo na obra *Marxismo e filosofia da Linguagem* (2006), quando apresenta a relação entre a ideologia

e o mundo simbólico. Acerca dos estudos de Bakhtin, Castro (2006, p. 18, *grifo do autor*) afirma que:

quase tudo é passível de se transformar em signo, passando, a partir dessa possibilidade e nascimento, a representar e cumprir determinados papéis de valor e conteúdo no meio social. Ele lembra, nesse sentido, que podem passar a ter valor de signo [...] toda a sorte de objetos, desde os naturais até os produtos de consumo e instrumentos de maneira geral. [...] enunciados de uma maneira geral não precisam estar necessariamente materializados apenas em palavras.

Sendo assim, os enunciados podem assumir diversas formas. Podemos, portanto, afirmar que o riso é um enunciado e pode tornar-se gênero de riso.

4 Gêneros de riso

Para analisar e observar as noções apresentadas anteriormente, selecionamos o programa eleitoral da candidata Dilma Rousseff, vinculado na televisão em canais abertos no dia vinte e três de agosto de dois mil e quatorze e também a entrevista com Dilma Rousseff realizada em dezoito de agosto de dois mil e quatorze pelo Jornal Nacional. Selecionamos esses dados, pois os dizeres acerca da atual presidente levam em conta que ela quase não ri e o pouco riso constrói a imagem de mulher séria e até antipática. No entanto, as imagens vinculadas nas campanhas mostram o contrário e vemos diversos risos emergirem relacionados a situações enunciativas diferentes. Em cada momento é um novo enunciado que se delineia e alguns risos são até esperados, são enunciados tipificados relacionados às situações de produção.

Vladimir Propp (1992) apresenta um estudo do riso no qual estabelece uma tipificação desse gesto. No entanto, não é a mesma proposta que realizamos, pois ele observa o riso diretamente relacionado ao efeito da comicidade e nós observamos o riso em situação não-humorística. O prefácio da edição, escrito por Schnaiderman, afirma que Propp “conduz sua pesquisa no sentido de estabelecer uma tipologia do cômico, na base de materiais fornecidos pela literatura e pelo folclore, mas também com um balanço crítico do que já se escreveu sobre esse tema” (PROPP, 1992, p. 7). Assim, para conquistar esse objetivo, Propp divide sua obra em duas partes que tratam do riso como resultado do cômico: o riso de zombaria, que toma grande parte da pesquisa e no entendimento do autor é o tipo mais abundante quando se trata de comicidade e os

outros tipos de riso: o riso bom, o riso maldoso (ou riso cínico), o riso alegre, o riso ritual e o riso imoderado.

O riso de zombaria está relacionado à percepção do ridículo, do feio e do defeito, entre outros temas. Para Propp (1992), o belo e o harmonioso não são capazes de provocar o riso. Além disso, o autor afirma que fora do que é cômico, o riso quase não existe, é raro. Porém, entendemos justamente o contrário, nunca o riso esteve tão presente no cotidiano dos sujeitos (SOUSA, 2012) e, por isso, ele se manifesta das mais diferentes maneiras, exercendo funções.

Tanto no programa eleitoral¹ da presidente Dilma Rousseff, candidata à reeleição, quanto na entrevista concedida por ela ao Jornal Nacional, o riso emerge e se materializa em diferentes gradações, assim, não é o mesmo riso. Outro fator importante é perceber que o riso está relacionado a uma dada situação e pode ser interpretado levando-se em consideração as condições de produção e posição dos sujeitos em interação, pois o analisando o riso como enunciado, percebemos que os sentidos são gerados conforme quem ri, para quem se ri, em que condições se ri e as funções pretendidas por esse riso.

É importante analisar também a posição que o sujeito ocupa e a imagem que ele deseja transmitir e ocupando a posição de candidato político, espera-se que o riso tenha a função de demonstrar cordialidade, simpatia entre outras funções. Sobre a função dos gêneros, Marcuschi (2008, p. 159, *grifo do autor*) afirma: “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a *funções, propósitos, ações e conteúdos*”. O riso abundante de Dilma durante o período eleitoral apresenta funções, dentre elas, mostrar que ela é tanto competente quanto receptiva aos eleitores, construindo, então, uma imagem positiva por meio de diversos risos.

Dilma mostra um riso cordial e simpático no início da entrevista, mas de modo moderado. Interpretamos que em situação de interação, normalmente, o riso emerge com efeito de cordialidade, fazendo parte da saudação como receptividade. Ao observarem o riso da entrevistada, os jornalistas entrevistadores, retribuem o riso sutilmente. Ao retribuir o riso, o sujeito interlocutor desse enunciado, tem uma atitude responsiva, pois “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz” (BAKHTIN, 2003, p. 290).

¹ No programa eleitoral aparecem outros sujeitos rindo, no entanto, nos deteremos a observar apenas aqueles que materializados pelo sujeito Dilma Rousseff.

Na entrevista, o jornalista Willian Bonner faz a primeira pergunta relacionada ao tema corrupção. Dilma inicia sua resposta e por volta do final do terceiro minuto da entrevista, observamos que o jornalista tenta interromper a resposta de Dilma e não tem sucesso, mas tenta novamente e tem êxito. A presidente, como resposta à interrupção, poderia reclamar ou ter outra atitude que demonstrasse um forte descontentamento, mas ela apenas ri. O riso se materializa, mas sua face, seus gestos e a situação de produção desse enunciado têm efeito de ironia relacionado ao seu descontentamento. Na situação em que se encontra a candidata, tomar atitude diferente do riso pode ser compreendido pelos telespectadores como falta de educação, impaciência ou desconforto e um enunciado rude não é esperado. Desse modo, o riso demonstra a impossibilidade de mostrar o que o sujeito pensa. É um disfarce, uma forma de estar sem jeito. No entanto, o riso é acompanhado de um gesto com as mãos, que ajuda a identificar o efeito desse riso que é de descontentamento, pois ela aparenta não ter gostado de ser interrompida.

Ao retomar a palavra, após a interrupção de Bonner, em vez de responder à outra pergunta feita, ela conclui sua fala anterior, reforçando seu descontentamento. Além disso, essa retomada à questão anterior faz com que Dilma mostre-se voluntariosa ao terminar o que queria dizer. Um gesto de determinação do cargo que ocupa, realçando o papel desempenhado. Inferimos que os risos que emergem nessas circunstâncias são mecânico e não escondem a forma de agir sério que lhe caracteriza.

Ao final do sétimo minuto de entrevista, Dilma continua a responder perguntas acerca do tema corrupção e o clima da entrevista fica tenso, com o jornalista fazendo interrupções constantes à sua resposta, forçando a candidata a se posicionar acerca da atitude tomada por seu partido em relação aos julgamentos do Supremo Tribunal Federal acerca de corrupção. Nesse momento, há um desconforto por parte de Dilma ao perceber a insistência sobre o tema. Então, a candidata sorri tentando mostrar que não há desconforto com a pergunta, porém, o efeito para o interlocutor é outro e o riso denota nervosismo. Isso corrobora a ideia de que não temos domínio acerca dos enunciados e os efeitos não podem ser previstos ou controlados. Esse riso nervoso é mais um gênero de riso e exerce outra função. É notório que há constrangimento de Dilma por estar em um programa de televisão, ao vivo e sendo perguntada e pressionada acerca de temas polêmicos², sendo vista e observada por um público enorme de

² O objetivo da série de entrevistas realizadas pelo Jornal Nacional, conforme afirma Willian Bonner antes do início da entrevista com Dilma é discutir temas polêmicos relacionados à candidatura dos sujeitos. Portanto, trata-se de assuntos que causam desconforto para o entrevistado.

possíveis eleitores. O sorriso demonstra, além do desconforto, a frustração por não poder dizer o que realmente quer. Nessa situação social há um controle do discurso, pois não se pode dizer qualquer enunciado em qualquer situação enunciativa.

A entrevista prossegue e a nova pergunta relaciona-se à saúde. Dilma desenvolve sua fala acerca dos médicos nos hospitais e é novamente interrompida por Willian Bonner dizendo que ainda fará perguntas acerca da economia. A candidata olha para ele e diz com um largo sorriso que terá o maior prazer em falar sobre economia. O riso nesta situação emerge como efeito de confiança a respeito do tema, o sujeito, por meio do riso, se mostra tranquilo para falar de qualquer assunto. Demonstrando que falar sobre economia não traz desconforto.

No início do décimo terceiro minuto da entrevista, outro riso se materializa na face de Dilma enquanto escuta a pergunta elaborada por Willian Bonner acerca de economia. Esse já é outro riso, não é mais o mesmo enunciado, pois tem tanto um efeito tranquilidade e segurança quanto de receptividade em relação ao tema abordado. De acordo com Bakthin (2003), os enunciados têm a materialidade repetível, mas a cada vez que emergem são novos enunciados, isto é, são novos risos.

No minuto final da entrevista, Dilma Rouseff encerra sua fala sorrindo. Esse riso tem efeito de simpatia, próprio dos candidatos em eleições, ou seja, é uma situação em que o riso é previsto e necessário, em que espera-se uma atitude responsiva do eleitor na urna, votando na candidata que deseja construir a imagem de que é alguém responsável, respeitável e, ao mesmo tempo, receptiva, cordial e até bem humorada em situações tensas. Os coordenadores de campanha orientam os candidatos e sorriem demonstrando simpatia para os eleitores. É esse gênero de riso que predomina no vídeo da campanha eleitoral. Mas também outros efeitos do riso podem ser observados.

No início do programa eleitoral temos um pronunciamento de Dilma e ao falar das conquistas dos jovens e de como devemos pensar e planejar o futuro, a presidenciável sorri manifestando a alegria que sente pela possibilidade de os brasileiros poderem ter um futuro de sucesso, mediante as realizações ocorridas durante seu mandato. Esse é outro riso, diferente daqueles que apresentamos nas análises anteriores, constituindo-se como outro enunciado. Ressaltamos que o tema ao qual esse enunciado se relaciona não está voltado para polêmicas, conforme o que ocorreu na entrevista, por isso, é um clima agradável no qual riso alegre e de satisfação cabe perfeitamente. Desse modo, é evidente que o riso é um enunciado, tem uma materialidade interpretável, suscita

respostas, exerce funções, apresenta efeitos de sentido e emerge relacionado a uma situação enunciativa, estabelecendo, portanto, gêneros de riso.

No programa aparecem pessoas tirando fotos em companhia da presidente e nesses momentos ela está sempre sorrindo, mostrando-se simpática e receptiva. No entanto, para criar essa imagem de simpatia, inferimos que há uma escolha proposital desses momentos, por parte dos coordenadores de campanha. Essa também é outra situação de interação, pois nas fotos espera-se que o sujeito ria, é um riso automático. Esse também é outro gênero de riso.

Nos segundos finais do programa, Dilma faz um novo pronunciamento em que apresenta um riso contínuo, porém de forma moderada, que é continuidade daquele riso simpático dos políticos para se relacionar cordialmente com os eleitores. Delineia-se desse modo a gradação do riso, ora mais amplo, ora mais contido. Por fim, cada riso se insere em possibilidades diferentes de interpretação, pois pertencem a gêneros diferentes.

Considerações finais

Por meio dessas breves análises, tentamos evidenciar a existência de outras formas de enunciado e o riso é uma delas. O riso é linguagem e tem efeito na interação entre os sujeitos. Esses efeitos não se resumem a entendê-lo como inato ao ser humano ou a apenas demonstrar a felicidade do sujeito, pois não rimos apenas quando estamos felizes. O riso é discursivo. Aprendemos a rir e essa necessidade de incluir o riso no cotidiano gera e estabiliza esses enunciados, que por sua vez, se organizam em gêneros. O riso, sendo enunciado, pode também se organizar em gêneros, sempre relacionado a uma situação enunciativa, em dado momento histórico, exercendo uma função.

Nosso trabalho visa a suprir a necessidade de estudar a linguagem não-verbal, pois observando as pesquisas em linguística vimos que as manifestações não-verbais são, muitas vezes, relegadas a um plano secundário ou de complementaridade para o texto verbal.

Por fim, nosso objetivo não é construir uma classificação estática e definitiva dos gêneros de riso existentes, pois cada enunciado é único. As análises objetivam subsidiar as práticas de leitura e interpretação em múltiplas materialidades, tornando os leitores mais competentes. Esta pesquisa está em fase inicial e à medida em que ampliarmos o *corpus* poderemos analisar outros efeitos e funções dos gêneros de riso.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão; revisado por Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 279-325.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Traduzido por Michel Lahud e Yara Frateschi. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRAIT, B. PCN's, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. (org.). *Prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's*. São Paulo: Mercado das Letras, 2000. p. 15-25.
- CASTRO, G. Enunciado e discurso: um diálogo entre o Círculo de Bakhtin e Michel Foucault. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (orgs). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 114-124.
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- POSSENTI, S. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.
- PROPP, V. Comicidade e riso. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1992.
- SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. Traduzido por Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix, 1996.
- SOUSA, W. K. M. V. *O riso como estratégia discursiva para o exercício do biopoder: a sociedade que vive de rir e para rir*. 2012 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.

ⁱ Autores

Waldênia Klésia Maciel Vargas SOUSA, doutoranda

Universidade Federal de Goiás (UFG)

E-mail: waldeniaklesia10@hotmail.com

Eliane Marquez da Fonseca FERNANDES, Profa. Dra.

Universidade Federal de Goiás (UFG)